



**SIDNEY N. DE OLIVEIRA**

## **A freirefobia e o ostracismo do pensar**

La freirefobia y el ostracismo del pensar



**Sidney Nilton de Oliveira** é Prof. Dr. Titular no CCHLA/DP/ Núcleo de Psicologia Educacional na UFPB. Diretor do Laboratório de Psicanálise Política e Educação. Pesquisador do LAPSUS UFPB e Pesquisador do Grupo de Pesquisa CNPq Filosofia da Psicanálise.

## A freirefobia e o ostracismo do pensar

*Nada pidas que nada se te dará. No te enfermes que nadie te ayudará. No pidas entrar en ninguna antología que tu nombre siempre se ocultará. No luches que siempre serás vencido. No le des la espalda al poder porque el poder lo es todo* (BOLAÑO, 2009, p. 6)

Paulo Freire é considerado o “Patrono da Educação Brasileira”. Ele é um dos brasileiros mais influentes na academia em dezenas de países. A sua obra se debruçou por diversos campos, indo além da alfabetização de adultos. A influência e o alcance do legado de Paulo Freire se estende da educação infantil à pós-graduação. É um dos autores brasileiros mais admirados mundialmente. Foram diversos livros, artigos, entrevistas e conferências reconhecidos, traduzidos e estudados até hoje. Freire recebeu mais de 40 títulos de Doutor Honoris Causa por grandes universidades nacionais e internacionais.

Nos tempos da Ditadura Militar, seus livros foram proibidos e destruídos. Sua palavra causava o incômodo de provocar a busca por respostas. Paulo teve que se exilar no Chile e depois na Suíça. Muitos educadores e inúmeras educadoras foram perseguidos ou mortos por seguir suas ideias. Nos tempos de redemocratização do país, a sua teoria pôde retornar às escolas e universidades e descobrimos sua força e seu impacto. No entanto, o status-quo o queria longe e investia na ignorância de sua obra e na importação de modelos colonialistas coerentes com a hegemonia neoliberal. O absurdo chegou ao ponto de parecer quase estranho à formação escolar e



educacional no Brasil. Havia resistência e enfrentamento, por isso não foi possível seu ostracismo.

Nos tempos mais recentes ressurgiu uma “cruzada” contra Paulo Freire, amparada pela reorganização conservadora intensificada e inflamada pelo atual governo federal e ainda embalada pela estupidez de projetos como “*escola sem partido*” e de movimentos como “*com mis hijos no te metas*”. Os estragos vão sendo feitos e contaminam toda a América Latina e Caribe. Em comum, todos esses movimentos carregam um conservadorismo moral e um retrocesso político que, com medo do debate, expulsam a crítica de cena e convocam um tecnicismo bancário e autotélico.

O empobrecimento do papel da escola é possível em uma sociedade que, anestesiada, não reage a violações constantes dos direitos e das dignidades fundamentais das pessoas. É exatamente por isso que se edifica essa fobia pela liberdade, pela crítica e pela emancipação tão fartas na literatura freiriana. Paulo nos ensina que se aprende a ler e interpretar as letras ao mesmo tempo que lemos o mundo. Lemos a partir de nós e não a partir do outro, pois interpretar o mundo só é possível a partir da própria realidade. E quando a realidade possui materialidade, a sua compreensão e seu entendimento são instituídos a partir de uma subjetividade que nos é íntima e, portanto, nos pertence.

Em uma educação *freirefóbica* se interdita a problematização e ela é trocada por um engodo ideológico que nos exige submissão. Não há espaço para a dúvida. Não se reconhece a falta. Somos estrangeiros em nossa própria conscientização. Essa é uma das maiores (des)vantagens de se abrir mão do contraditório: abre-se espaço para a ilusão da completude, para o negacionismo e para o que é legitimado somente pelos donos do poder. Freire faz pensar e isso amedronta quem não ousa olhar à sua volta. Buscamos no mundo respostas, mas mesmo quando as achamos novas perguntas nos encontram. Aprendemos com as identificações e com o reconhecimento do lugar que nos colocaram historicamente.

São as identificações normativo-estruturantes instituídas pela família, pela escola ou por grupos e instituições que vão edificando uma necessária mediação entre o sujeito, a cultura e seus laços sociais. A mediação do Estado se derrama por essa equação. A opressão estrutural que se edifica no contexto se alicerça na produção de subjetividades coerentes com a ideologia hegemônica. A identificação é tomada pela identidade patrocínada, na qual não se institui mais a autoria da própria história. Não há um universo vocabular. Não há um tema gerador. Há um anti-verso estéril. A BNCC, por exemplo, é refratária a Paulo Freire em toda sua extensão. E não é de se estranhar a



proximidade dela com o projeto escola “sem” partido e seu distanciamento em relação às pedagogias críticas.

A *freirefobia* quer se erguer em uma absurda crença de que é possível educar negando as diferenças de classe, gênero e raça. A massificação das identidades reforça a acomodação da pulsão agressiva e por meio dela se estabelece uma coesão conveniente com o opressor. Uma educação acrítica nega a história e impossibilita as identificações. Ao nos trancar na ingenuidade vigiada, nos impede a curiosidade epistemológica. É esse mecanismo que nos priva da natureza dialógica da aprendizagem e esconde a incompletude do homem e a fluidez da vida.

Nessa lógica imobilista se pode cimentar destinos e impedir a experimentação do mundo. Dogmatizando nada muda. Nada se questiona. Tudo é transmitido àqueles que podem ser programados, pois permanecem na alienação da ignorância. É por isso que superar as condições dadas não é possível sem a esperança.

Paulo Freire nos dizia que a esperança é essencial para a experiência pedagógica. É a curiosidade embebida de *criticidade* que nos permite avançar, retroceder e, assim, aprender. Suas raízes históricas e inspiradoras rompem determinismos absolutistas. Por isso também Paulo é temido, pois nos enche de esperança e nos faz pensar. A proximidade dos *freirefóbicos* com o negacionismo científico ou com o fascismo institucional não é fruto do acaso.

O retrocesso dos últimos anos tem raízes em um país que não reparou a escravidão, o genocídio indígena e o massacre dos “sem-terra”. Um país que nega o racismo, nega o machismo e a lgbqi+fobia. Mata-se o que não se quer enxergar. Freire é por demais perigoso para quem acredita que isso não pode e não deve mudar. Se o amanhã não é inexorável, a luta começa hoje. Por isso o peso da liberdade e a importância da indignação.

O significativo aumento de políticas educacionais inclusivas e emancipatórias ainda que atravessadas, na maioria das vezes, por um perfil conciliatório foi ampliando o acesso e mudando a cara das instituições. No ensino superior isso é explícito e inegável. Impulsionada por uma progressiva implementação de políticas afirmativas nas universidades públicas, o povo mais oprimido foi chegando para aprender e para ensinar. Pesquisas foram demonstrando a popularização chegando de modo decisivo nesse universo.

Com o golpe de 2016, houve um flagrante retrocesso nas políticas educacionais mais inclusivas e progressistas. Nos anos que se seguiram, as tintas fascistas foram



pinceladas cada vez mais, até quase não se ver mais as cores da liberdade. Sabem os *freirefóbicos* que basta um pingo de chuva e um *rayito de sol* para que as sementes possam germinar. É por isso que se empenham tanto na cruzada da imbecilidade, pois o *velho mestre* nos mostrou o empoderamento da práxis vinda da indignação e da esperança.

### Referências Bibliográficas

- BOLAÑO, Roberto. **Nocturno de Chile**. Barcelona: Anagrama, 2009.
- DAVIS, Angela. **A Liberdade é uma Luta Constante**. Boitempo. 2018
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Boitempo. 2016
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Paz e Terra: São Paulo.1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra: Rio de Janeiro.2000.
- FREIRE, Paulo. **El Grito Manso**. Siglo Veintiuno. Buenos Aires. 2003.
- GEHLEN, Maria E. **O Amor x o Ódio: A Atualidade do Pensamento de Paulo Freire e o Dessassossego dos Neofascistas no Brasil**. *Revista Olhar de Professor*. v. 23, p. 1- 14. Ponta Grossa. 2020.
- OLIVEIRA, Sidney. **Psicanálise, práticas escolares em direitos humanos**. Revista *Adverbium* 5 (1) Jan a Jul de2010: pp. 03-09.Campinas, 2010.
- SILVA, Leticia B.; Regimarina S. RODRIGUES. **Quem tem medo de Paulo Freire?** *Revista Educação e Sociedade*, n. 66, pp. 61-73. ANDES-SN, Brasília, 2020.